

A AQUONARRATIVA DE ILDEFONSO GUIMARÃES: A SIMBOLOGIA DA ÁGUA EM LINHA DO HORIZONTE

Nellihany Dos Santos Soares*

RESUMO

Este trabalho deve ser tomado como uma proposta de leitura do conto “Linha do Horizonte”, inserido na obra *Senda Bruta* (1963) do escritor Ildefonso Guimarães. Ele foi pensado e escrito a partir da simbologia da água e das variantes que a mesma apresenta dentro da narrativa. O objetivo principal desta proposta é apresentar os elementos da narrativa do conto, sobretudo as características da protagonista – Belarmina Maués – e a insistente ocorrência da simbologia da água em sua estrutura (este fato permite denominar o texto de “aquonarrativa”). Para subsidiar essa proposta de leitura, o principal referencial teórico foram os estudos de Gaston Bachelard (1990, 1997). Diante do desenvolvimento desse estudo, se percebeu que a água se manifesta, principalmente, através da chuva, elemento esse que traz de volta do passado todas as lembranças boas e ruins vividas pela protagonista, tornando-se o elemento norteador de toda a narrativa.

Palavras-chave: Conto. Linha do Horizonte. Simbologia. Água. Belarmina.

THE AQUONARRATIVE OF ILDEFONSO GUIMARÃES: THE SIMBOLOGY OF WATER IN THE LINHA DO HORIZONTE

ABSTRACT

This work should be taken as a proposal to read the short story “Linha do Horizonte”, inserted in the work *Senda Bruta* (1963) by the writer Ildefonso Guimarães. It was thought and written from the symbology of water and the variants that it presents within the narrative. The main objective of this proposal is to present the narrative elements of the short story, especially the characteristics of the protagonist – Belarmina Maués – and the insistent occurrence of the symbology of water in its structure (this fact allows to call it “aquonarrative”). To support this reading proposal, the main theoretical reference was the studies of Gaston Bachelard (1990, 1997). In view of the development of this study, it was realized that water manifests mainly through rain, element that brings back from the past all the good and bad memories lived by the protagonist, becoming the element of the entire narrative.

Keywords: Short story. Linha do Horizonte. Water Symbology. Belarmina..

EL AQUONARRATIVA DE ILDEFONSO GUIMARÃES: EL SIMBOLISMO DEL AGUA EN LA LINHA DO HORIZONTE

ABSTRACTO

Esta obra sirve como base de la propuesta para la lectura del cuento “Linha do Horizonte”, insertado en la obra *Senda Bruta* (1963) del escritor Ildefonso Guimarães. Fue diseñado y escrito basado en la simbología del agua y las variantes que presenta dentro de la narrativa. El objetivo principal de esta propuesta es presentar al lector los elementos de la narrativa de la historia, especialmente las características de la protagonista - Belarmina Maués - y la insistente ocurrencia de la simbología del agua en su estructura (y este hecho permite que se le denomine “acuonarrativo”). Para sustentar esta propuesta de lectura, los principales marcos teóricos fueron los estudios de Gaston Bachelard (1990, 1997). Para el desarrollo de este estudio, se notó que el agua se manifiesta principalmente a través de la lluvia, elemento que trae del pasado todos los buenos y malos recuerdos que alguna vez vivió la protagonista, es el elemento motor de toda la narrativa.

Palavras-clave: Cuento. Linha do Horizonte. Simbolismo. Agua. Belarmina.

* Mestra em Letras Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); vínculo com IFPA campus Belém: Docente do curso de Letras e do Ensino Médio Integrado.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2199-2179>
E-mail: nellihany@gmail.com



1 PALAVRAS INICIAIS SOBRE “LINHA DO HORIZONTE”

O conto *Linha do Horizonte*, inserido no livro *Senda Bruta* (1963), foi escolhido para análise principal de nosso estudo acerca da obra de Ildefonso Guimarães. Nele, há a forte e constante presença da simbologia da água. Trata-se, sem dúvida, de um conto ímpar, porque nele Ildefonso Guimarães foi capaz de transformar em ficção, a triste história de uma mulher encontrada morta na vala com uma cobra enrolada no pescoço. Foi assim que surgiu a protagonista do conto – Belarmina Maués – que segundo palavras do próprio escritor, é uma das melhores que já criou.

Nesse conto, os leitores podem estar sujeitos a inúmeros sentimentos: amor, tristeza, pena, indignação e tantos outros que no decorrer da leitura poderão surgir nas linhas e entrelinhas desta comovente história. Um leque de personagens, advindos de diferentes classes sociais estão presentes para demonstrar a complexidade narrativa deste conto, em que cada personagem com seu jeito peculiar de ser e de agir, revela os tipos que vivem na sociedade. A paisagem, os costumes populares, a maneira muito coloquial de falar, muito peculiar da região norte do país, e a citação de lugares muito conhecidos da cidade de Belém, farão de “Linha do Horizonte” uma espécie de baú de recordações para aqueles que viveram por esses tempos ou que ainda vivem por esses espaços. É imprescindível não esquecer de um importante detalhe: no decorrer de toda a narrativa, a água da chuva estará presente com afinco, com especial destaque para a sua relação com os acontecimentos, influenciando diretamente na vida de seus personagens e no desfecho da trágica história criada por Ildefonso Guimarães.

Como é de costume em tudo aquilo que escreve, Ildefonso abre o conto com uma epígrafe que tem relação direta com a temática abordada: “Ah, morte do amor do mundo/Ah, vida feita de dar/ Ah, sonhos, ah, desesperos/Ah, desespero de amar”, versos esses retirados do poema *Balada da Moça do Miramar*, de Vinicius de Moraes (1913-1980). Não traçaremos maiores comentários sobre esses versos agora, pois no decorrer desta análise e com o desfecho da história, eles se auto explicarão.

Em relação ao título do conto, é importante apresentar algumas observações. A palavra “horizonte”, de acordo com o dicionário da língua portuguesa Caldas Aulete significa “Linha que parece, ao observador em campo aberto, separar o céu da terra ou mar, limitando seu alcance visual” (GEIGER; BECHARA, 2004, p. 425). Como apresentado, horizonte pode ter ou não um sentido restrito, porém, se sabe que, dependendo do contexto (como é o caso do conto em questão) esse significado se carrega de subjetividade. Nesse sentido, o horizonte é sinônimo de lugar distante e inalcançável, como uma espécie de *Pasárgada* onde se imagina que a vida pode ser mais feliz, prazerosa e justa, onde os sonhos se tornarão realidade. Todavia, ainda podemos fazer outra observação levando em consideração a presença do elemento água: a chuva que cai tem sempre a mesma direção, ela escorre sempre no horizonte, assim como bem frisou Bachelard “A água cai sempre, acaba sempre em sua posição horizontal [...] a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito” (BACHELARD, 1997, p. 7). Sem ter a intenção de antecipar o fim da narrativa, mas já deixando uma pista para o final trágico da mesma, nos precipitamos a dizer que a vida da protagonista será cessada pela enxurrada da chuva forte que cai, impedindo que o sofrimento vivido por esta também chegasse ao fim, pois a água tudo leva, inclusive as dores vivenciadas.

2 OS ELEMENTOS DESSA AQUONARRATIVA

A partir desse momento, nosso interesse é apresentar os elementos que compõem a narrativa: enredo, personagens, tempo, ambiente/espço e narrador. Iniciamos com um breve resumo do enredo do conto “Linha do Horizonte”: Numa tarde chuvosa, durante a troca de roupa em seu quarto, na periferia de Belém, Belarmina, já velha, relembra seu passado e os casos que teve quando era prostituta e, principalmente, recorda sua grande paixão da juventude – o despachante Azevedo. Todas essas lembranças são acompanhadas pela cobra Nicota, que foi companheira inseparável de Belarmina até na hora de sua morte.

A natureza ficcional de “Linha do Horizonte” é verossímil, assim como foi observado no parágrafo que abre este capítulo. Essa verossimilhança não quer dizer que os fatos narrados na história correspondam exatamente à realidade, mas que mesmo sendo fruto da imaginação do autor, eles devem parecer reais para aqueles que os leem. A respeito dessa verossimilhança compreende-se:

É a lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor. Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê (GANCHO, 2002, p. 10).

Mesmo a organização lógica dos fatos dentro de um enredo serem fundamentais no que diz respeito à verossimilhança, não se pode restringir o enredo de “Linha do Horizonte” como totalmente linear, já que seu caráter psicológico (sentimental dos fatos), impede uma afirmativa concreta acerca da linearidade do texto. Um outro detalhe a ser mencionado a respeito disso é que a presença da simbologia da água no texto impede que a protagonista do conto ponha em ordem suas lembranças, e isso contribui para que os fatos se apresentem aleatoriamente. Na passagem a seguir, retirada do conto, é possível observar com mais clareza essa informação: “chuva não deixa a gente arrumar a memória, um pesado torpor apaga as lembranças[...] Pensamentos tatos, aqueles; pálidos restos de memória que a música da chuva lhe traz de longe” (GUIMARÃES, 1963, p. 124).

Um outro aspecto muito peculiar na narrativa é a linguagem atribuída aos personagens. O uso da fala popular e de algumas expressões da terra utilizadas no cotidiano do povo, aproxima o leitor do texto: “Num pense que tô me acabando por casamento!... Dei porque quis, ninguém me tomou. Ué! – Revirou o beijo num puro desprezo – Axi! [...] Então Belarmina põe Nicota no pescoço e sai pra fora!” (GUIMARÃES, 1963, p. 124-127). Mas nem só de linguagem popular o texto é tecido. Há também a linguagem poética em determinados momentos da narrativa, assim como expressa as frases a seguir: “Doce a chuva em suas lágrimas, seu límpido pranto barulhento [...] Belarmina ouve-lhe a música fina, assoviar de flauta por entre as arcadas do céu” (GUIMARÃES, 1963, p. 123-128). Como se pode observar, o texto é provido de linguagem popular com passagens metafóricas, linguagem esta que atinge o universal ao abordar temas que são comuns entre todos os homens e mulheres, e que podem acontecer em todas as épocas e lugares: o amor, a solidão, a prostituição, o preconceito, a desigualdade social, a morte, entre tantos outros.

Quanto aos personagens responsáveis pelo desempenho do enredo, temos basicamente quatro: Belarmina (protagonista), a cobra Nicota, o despachante Azevedo e a mãe do despachante, que não é nomeada no texto. Os demais são considerados secundários, com pouquíssimas características que o descrevam física e psicologicamente, dentre esses podemos citar: Claudemira, Guiomar e Marina (as três filhas de Belarmina), o chefe de polícia (protetor de Belarmina pelas ruas) e Lucas Baborixá (pai de santo iniciador de Belarmina na Umbanda).

A respeito de alguns personagens é importante tecer algumas considerações. Personagem incomum, Nicota é a cobra companheira de Belarmina durante a velhice. O primeiro contato do leitor com o texto pode levá-lo a achar que Nicota é um ser humano e que sua relação com Belarmina é homossexual, porém, essa ideia é desfeita assim que o narrador declara que a mesma não passa de uma serpente. Personagem sedutora, ela é símbolo do erotismo, e essa eroticidade pode ser encontrada na seguinte passagem da narrativa:

Nicota enrolada em cima da cama [...] língua de vez em quando, rápida e fina, saindo-lhe como chama pelo orifício da boca: quase um milagre os relâmpagos da língua, lambendo o tempo [...] Nicota!... a bruta vontade de senti-la atravessar, transpassar-lhe as entranhas, transformada em amplo e agudo falo cheio de escamas (GUIMARÃES, 1963, p. 123).

Sobre a passagem acima, é importante lembrar que para Sigmund Freud (1976), a cobra representa o símbolo fálico masculino, o pênis. Freud associava o arquétipo da cobra ao desejo sexual inconsciente. Nicota representa, entre outras simbologias na narrativa, o desejo que Belarmina nunca deixou de sentir pelo despachante Azevedo. Ainda sobre Nicota, revela José Arthur Bogéa: “A grande metáfora do tempo em I.G., está nesta representação, quase um milagre, da serpente Nicota: na rapidez da língua, o instante; na forma de Ouróboros, a eternidade” (BOGÉA, 1990, p. 2). Nicota simboliza neste conto a eternidade, a certeza de que mesmo com a chega da morte, a vida continua. Ela guarda consigo os segredos da morte e do tempo: guardiã dos segredos de Belarmina, das angústias vividas por ela pelo abandono e desprezo do despachante Azevedo. Sobre a simbologia da serpente escreveu Mircea Eliade:

[...] a serpente não só recepta o espírito dos mortos, como também possui os segredos da morte e do tempo: senhora do futuro do mesmo modo que detentora do passado, é animal mágico [...] assume uma missão e torna-se o símbolo do instante difícil de uma revelação ou de um mistério: o mistério da morte vencida pela promessa do recomeço (ELIADE, 2012, p. 320).

Segundo a simbologia expressa acima, é possível dizer que o papel de Nicota na narrativa não se resume, simplesmente, a um simples animal de estimação. É justamente por conta da simbologia que assume que ela se faz importante para o enredo. O final trágico da morte de Belarmina acompanhada até o último momento por Nicota enrolada ao seu pescoço, permite refletir sobre a continuidade da vida após a morte, assim como a serpente que, a cada troca de pele, se renova em si mesma. Ao morrer em companhia da cobra, a alma de Belarmina permanecerá para sempre viva, pois a simbologia da serpente remete ao eterno. A serpente também simboliza o poder, a força, e como decorações divinas e reais, cobras conotam sabedoria eterna, transformação, renascimento e superação da morte. De acordo com a narrativa, Nicota tem “olhinhos parados de eternidade”, o que também pode configurar uma possível antecipação para a morte.

É sabido que em *A terra e os devaneios do repouso* (1990), Bachelard dedica importante estudo sobre o arquétipo da serpente. Em especial, na terceira parte de seu livro, a imagem literária da serpente sobressai, segundo o autor, como um dos mais importantes arquétipos da alma humana. Assim, destaca que a imagem da serpente sempre esteve presente nas mitologias naturais de diferentes povos. Uma dessas simbologias da serpente é a forma de Ouróboros, símbolo da manifestação e da reabsorção cíclica. E a união sexual em si mesma, autofecundadora permanente, como demonstra a sua cauda enfiada na boca, é transmutação perpétua de morte em vida, pois suas presas injetam veneno no próprio corpo ou, segundo as palavras de Bachelard “é a dialética material da vida e da morte, a morte que sai da vida e a vida que sai da morte, não como os contrários da lógica platônica mas como uma inversão sem fim da matéria de morte ou matéria de vida” (BACHELARD, 1990, p. 215).

Essa dialética de vida e de morte presente no estudo de Bachelard também está relacionada à lei do eterno retorno, muito presente no conto “Linha do Horizonte”, principalmente quando se relaciona com os caminhos que a personagem Belarmina foi conduzida na narrativa: a juventude difícil de uma mulher pobre, sem estudos, sem família, negra, e que ao colocar no mundo três filhas, não podia dar à elas um outro destino senão o seu próprio – o mundo da prostituição – uma história de vida que se repetiria ainda por muitas gerações: “Oh, xente!... Não valeu tu te jogar na vida, botar tuas filhas pra vadiarem?... [...] Tuas filhas num ganha no mole?!!! (GUIMARÃES, 1963, p. 126).

O outro personagem muito pertinente ao enredo é o despachante Azevedo, ele foi o grande amor da vida de Belarmina, amor da juventude, que deixou marcas profundas na sua alma. Mas esse amor não era aceito pela mãe do personagem, pois ele vinha de uma família com posses, que tinha um nome e uma profissão a zelar, além de tudo, era um homem branco: “Esta senvergonha desencabeçou o rapazinho [...] Amor!... Roxura por branco, pessoa das altas [...] é hoje o seu despachante Azevedo, bem casado, filhas moças, retrato saindo pelo jornal?” (GUIMARÃES, 1963, p. 124-125).

No conto, a mãe de Azevedo sente um profundo ódio por Belarmina, não apenas por ela ser quem é, mas por ser negra, demonstrando uma outra problemática na sociedade brasileira: o racismo associado as pessoas de baixa renda e que vivem em ambiente violento. Essas pessoas quase sempre não possuem oportunidades de sair da baixa pobreza em que vivem, devido a um sistema de divisão social fortemente demarcado, principalmente em regiões mais desfavorecidas do Brasil, como é o caso do norte do país. Aliás, a mãe de Azevedo (que no conto não é nomeada) representa justamente a voz do preconceito racial: “[...] aqueles dizeres de malquerença: Sua negra imunda! Não pensa que vai casar com meu filho não! Prefiro êle morto, em cima duma mesa” (GUMARÃES, 1963, p. 124). O amor impossível de Belarmina e Azevedo marcou para sempre a vida da personagem, representando, ao mesmo tempo, vida e morte, Eros e Tanatos, pois enquanto Belarmina viveu poucos momentos ao seu lado, ela foi feliz, e depois, quando se viu distanciada de sua paixão, a única coisa que restou foi a imagem de Azevedo no momento de sua morte.

A respeito do tempo, ele se desenvolve de forma psicológica, já que numa tarde de chuva, em seu quarto, Belarmina (já velha) relembra os tempos vividos na juventude. Por não haver marcação temporal precisa, é impossível situar a narrativa em determinado ano ou data. As únicas referências temporais são: “Mais de quarenta anos de distância [...] Tudo há tanto tempo (GUIMARÃES, 1963, p. 106-107). As lembranças do passado remoto de Belarmina duram enquanto a chuva cai (da tarde até à noite) e se misturam em diferentes momentos e situações através do flashback. O cair da chuva marca o início das lembranças, e o cessar, marca a morte da personagem.

Sobre o espaço/ambiente, a época em que se passa a narrativa é a Belém do século XX. De linhagem urbana, mais precisamente a periferia de Belém, o mundo de Belarmina é delimitado geograficamente: “Entre o céu e a terra só a chuva, diluindo tudo, confundindo num só rebôco êste mundo estreito de Belarmina: da Sacramenta ao Pôrto-do-Sal, do Guamá às docas do Reduto” (GUIMARÃES, 1963, p. 126-127). A menção a determinados bairros da cidade, muito conhecidos pela população, principalmente no que diz respeito ao alto índice populacional e de violência é explícita no texto: “Ruas e mais ruas andadas ao léu... Acordou no xadrez do pôsto do Telégrafo, que nesse tempo não tinha pôsto na Sacramenta. Depois que lhe contaram que tinha levado geral” (GUIMARÃES, 1963, p. 125).

O espaço físico é centrado no quarto de Belarmina, um barraco pequeno e escuro, de telhado coberto por zinco. O ambiente habitado por ela é marginalizado socialmente, é economicamente degradante, pois é o reflexo de sua situação sócio-financeira, assim como mostra a passagem a seguir: Belarmina escuta. Em volta nenhum outro rumor senão o da chuva em cima da casa: o das telhas, no quarto, diferente do zinco na cozinha. Um mais suave, ruído de branco, de gente fina; outro sem propósito, desbragado, de Belarmina Maués (GUIMARÃES, 1963, p. 127).

Sobre a relação casa e habitante, diz Gilbert Durand: “Diz-me que casas imaginas e dir-te-ei quem és [...] A casa redobra, sobre determina a personalidade daquele que a habita” (DURAND, 2012, p. 243). Como se vê, o tipo de moradia em que vive Belarmina e as características que o mesmo possui, são elementos que reforçam as dificuldades do dia a dia enfrentadas por ela. Vale atentar para o fato de que os diferentes rumores que caem sobre a casa da personagem são advindos da chuva, ela é que determina, através da maneira como deságua em cima do telhado, o tipo de casa ideal para cada tipo de pessoa.

O foco narrativo presente no conto é em terceira pessoa do singular, em que temos um narrador onisciente, que conhece todos os aspectos da história e das personagens. O narrador de “Linha do Horizonte” fala sobre os sentimentos e pensamentos das personagens, descrevendo situações que ocorreram no passado e, também, as que ocorrem no presente, ambas com muita eficiência, quase ao mesmo tempo, fazendo que, algumas vezes, um leitor menos atento, fique confuso diante de alguns pensamentos, como na passagem a seguir: “Amor!... Roxura por branco... pessoa das altas... Negra besta, será que tu nunca cria vergonha?... Tamanha velha! – Não vê que êle até nem mais te conhece! – é hoje seu despachante Azevedo, bem casado, filhas môças... Só sendo!” (GUIMARÃES, 1963, p. 126). Será a voz da consciência de Belarmina ou a voz do próprio narrador?! Cabe ao leitor decifrar.

3 BELARMINA: QUEM FUI, QUEM SOU?

Belarmina, protagonista de “Linha do Horizonte” é transportada ao passado pela chuva que vê cair pela janela. Mais de quarenta anos depois ela volta aos tempos de juventude para lembrar sua trajetória de dificuldades e dos amores vividos, principalmente a história de amor que viveu com Azevedo. O nome Belarmina, composição de belo mais Armíneo (nome de um herói germânico), que significa forte e poderoso, soa aos nossos ouvidos de forma irônica, pois o papel desempenhado por ela no conto é de pura contradição em relação a essa nominalização. No entanto, em um único momento da narrativa, ela é denominada de Belarmina Maués, sobrenome este que faz referência a um município da Amazônia que é conhecido como a terra do guaraná, e este último, simboliza a ressurreição e a energia. A morte da protagonista pode então, sugerir, a continuidade da vida, a busca pela eternidade.

Personagem de características peculiares, Belarmina é a anti-idealização romântica de mulher. Embora no passado, durante sua juventude tenha sido dona de um corpo bem definido, a maneira como ela é apresentada ao leitor no presente, não a enquadra no padrão de beleza privilegiada pelos românticos, que deveria ser divinizada, cultuada, bela, de pele alva e virgem: “Belarmina descobre no espelho o próprio vulto distorcido: o vivido corpo de carne frouxas, formando refegos, grandes dobraduras no ventre lasso e os seios balouçantes, dolorosas pelancas derramadas sobre o ventre. Oh, ridícula imagem do cansaço que Belarmina repele: Vote!” (GUIMARÃES, 1963, p. 124).

Na velhice, Belarmina é triste e solitária, e ao mesmo tempo, é mãe de santo respeitada por seus feitiços, é mulher valente por enfrentar suas brigas. O substantivo feminino “nhá” presente no texto, é equivalente à Senhora, e reforça ainda mais o respeito que a personagem impunha diante daqueles que precisavam de sua ajuda, assim como demonstra a passagem a seguir: “Hoje tu num é a nhá Belarmina da cobra, tida e ouvida por êsses povo da Sacramenta até na Pedreira! Não te respeitam, negra Belarmina, por teus despachos, tuas artes tôdas da meia-noite, com esta bicha no pescoço enrodilhada; teus eleitores do Centro 2?” (GUIMARÃES, 1963, p. 125).

Embora a personagem transmita certo poder naquilo que faz, ela carrega na alma o drama de não ter tido uma família, uma base na qual pudesse servir de apoio nos momentos de necessidade. Nunca teve ninguém com quem pudesse desabafar suas aflições, afinal, Belarmina foi filha da vida. Sua alma carrega a carência daqueles que esperam por uma palavra amiga capaz de reanimar o espírito, de proporcionar à essa vida sofrida o mínimo de alegria. Mesmo em meio a tantas aventuras amorosas, ela era um ser que vivia na solidão: “[...] Belarmina Maués, que nasceu do tempo, se virou no mundo, teve três filhas, quatro abortos, e não está sozinha porque ali tem Nicota, esperando em cima da cama (GUIMARÃES, 1963, p. 127).

As características mais marcantes da personagem são as sociais, são elas que melhor definem Belarmina. Mulher à margem da sociedade, esquecida e oprimida, a marginalidade da mesma se evidencia e se repete por ser negra e prostituta, ser negra e pobre, ser negra e mãe de santo, afinal, ela faz parte dos grupos sociais mais oprimidos pela sociedade – todos vítimas do processo capitalista que empurra a parte da sociedade menos privilegiada para uma vida degradante e indigna, rumo a um futuro com poucas possibilidades, na qual a luta pela conquista dos direitos como cidadão se torna ainda mais difícil.

No passado, Belarmina foi prostituta desejada por toda a periferia de Belém. Ela não teve estudo e ganhou a vida com o próprio corpo. Por ser negra, sofreu discriminação, por ser prostituta, sofreu humilhações, por ser pobre, não teve oportunidades para vencer na vida. Entretanto, é na profissão da juventude que ela se destaca. Encontrar os motivos que a levaram a entrar na prostituição, não é uma tarefa difícil, pois eles estão presentes com afinco ao longo do texto. As influências do meio em que se vive como a ausência de educação social, o baixo grau de escolaridade, o afrouxamento de costumes, os lares desfeitos, a promiscuidade, o abandono de menores e o êxodo para a cidade, são as principais causas da prostituição. Não resta dúvida de que a prostituição é fruto da miséria e de problemas socioeconômicos e, também, de um organismo social capitalista decadente e ineficaz quanto às responsabilidades para com seus cidadãos. Belarmina se insere perfeitamente nesse contexto.

É importante ressaltar que no contexto dessa ficção, a visão que Belarmina tem do sexo é liberal. É sinônimo de brincadeira, assim como evidencia a passagem a seguir: “Pra que gente que nem nós guarda virgindade? Deus deu, foi pra se brincar, arranjar dinheiro!” (GUIMARÃES, 1963, p. 125). Para Belarmina, gente pobre não precisa se guardar para nada, nem para ninguém, pois é preciso sobreviver a qualquer custo. Não foi à toa que colocou suas três filhas, ainda meninas, para ganhar a vida com homens que, de certa forma, tinha um certo prestígio social, isto é, que podiam pagar pelo sexo:

Essa tua pequena esta que é um torresmo, mulata! Põe-ma no papo e ficas até c’ao casa, se faz favore...[...] Não demorou, seu Soeiro dormiu na barraca com Claudemira. [...] foram crescendo, ficando no ponto, foi entregando: Guiomar, pro Dr. Arnaldo; Marina, pra seu Adelino da padaria (GUIMARÃES, 1963, p. 125).

Além de ser discriminada pela maneira como ganha a vida, Belarmina também sofreu com a discriminação racial. A cor da sua pele é motivo de repulsa por parte da mãe de Azevedo: “Sua negra imunda! [...] Negrinha dessas do limpa-chão, não sabendo nem de que buraco saiu” (GUIMARÃES, 1963, p. 124-126). Além das questões sociais mencionadas, ainda existem, dentro da narrativa, outros elementos que reforçam ainda mais a vida precária da personagem: as roupas que usa e o vício pelo álcool. Em relação às roupas, o short e a gaforinha (blusa de xita) são as peças que compõem o vestuário da personagem: “Não consegue enfiar a banda do short [...] enquanto suas mãos lutam com as presilhas do corpete. Inda bem que inventaram agora esses de borracha: era uma vez mama chôcha de Belarmina... [...] no grosso ensopado da gaforinha” (GUIMARÃES, 1963, p. 126-128). Como se pode observar, o tecido barato, o corpete de borracha que ajuda a disfarçar os seios flácidos, e o short (justo ao corpo e curto) são indícios visíveis de quem não pode comprar roupas de qualidade melhor.

Um outro agravante presente na vida de Belarmina é o vício pelo álcool, ele é que a mantém firme e que lhe enche de coragem para continuar vivendo: “Belarmina sabe que está bebida; desta vez tomou foi álcool puro, que cachaça propriamente já não faz efeito, sobe na língua quase como água [...] Calidez do álcool dá-lhe aquela leveza de samaúma [...] Guenta, negra safada, cachaça num é tua mãe!” (GUIMARÃES, 1963, p. 123-126). A profissão de prostituta torna Belarmina uma pessoa vulnerável a muitas situações, o álcool pode ter sido uma delas, pois quem trabalha no mundo da prostituição, muitas vezes, é levado a esse tipo de vício, se bebe para poder encarar a venda do próprio corpo para um desconhecido, ou até mesmo, para esquecer as dificuldades e tristezas do dia a dia. Belarmina também foi alvo fácil da violência física, geralmente advindas das relações com os clientes:

No espelho, mal consegue notar as cicatrizes. Aquela de navalha, na curva das nádegas, descendo para o intervalo das coxas: um beijudo rasgão desbotado – Luís Motorista fulo de zêlo, querendo cortar-lhe também os seios. Quantas?...Uma, duas, três, quatro, cinco...Esta, de faca, entre duas costelas, lembrança daquela noite no Jurunas...esta outra de canivete, abaixo do pescoço: rixa na tenda do Lucas Baborixá...aquela, de bisturi, na dobra da pente, resultado duns chamegos no cais do pôrto. (GUIMARÃES, 1963, p. 124).

Em “Linha do Horizonte”, a simbologia da água expressa pela chuva está associada ainda à música e à dança. É na música da chuva que Belarmina celebra a vida e prepara seu ritual para a morte. A música da chuva é uma música fina que apenas ela é capaz de escutar: “Belarmina ouve-lhe a música fina, assoviar de flauta doce por entre as arcadas do céu [...] ao compasso da música que só ela escuta, o assovio rítmico que o vento agora sopra do sul” (GUIMARÃES, 1963, p. 128). Essa música que somente a personagem escuta ilustra aquilo que Gilbert Durand chama de estrutura musical do imaginário:

A música opera o milagre de tocar em nós o núcleo mais secreto, o ponto de enraizamento de todas as recordações e de fazer dele por um instante o centro do mundo feérico, comparado às sementes enfeitiçadas, os sons ganham raízes em nós com uma rapidez mágica... num abrir e fechar de olhos sentimos o murmúrio de um bosque semeado de flores maravilhosas... (DURAND, 2012, p. 224).

A música tocada pelas águas da chuva é de um estilo específico, é música de encanto, e dentro do conto, ela tem o objetivo de seduzir, de evocar o espírito de Exu, preparando um ritual de feitiçaria. A dança descompassada de Belarmina envolve ainda mais a personagem, expressando através de seus passos um sentimento de euforia:

Agora a música não é um só e puro assovio do vento; gargareja nos bueiros a voz pesada do Lucas Baborixá, puxando os cânticos de Exu, as toadas de terreiro respondidas em cântico pelas companheiras invisíveis, enquanto Belarmina só e só, no gázeo anfiteatro da chuva, entrega-se ao banzeiro da dança [...] – Dança, Belarmina! Requebra, negra velha desengonçada! (GUIMARÃES, 1963, p. 129).

Sendo assim, a dança representa não apenas uma celebração, mas uma maneira de expressar, através dos movimentos corporais, um estado de espírito, ou algo que se gostaria de dizer, afinal, segundo Chevalier e Gheerbrant “a dança é linguagem. Linguagem para além da palavra: porque onde as palavras já não bastam, o homem apela para a dança” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 319). E nesse ritual montado, cantando e dançando, ela evoca do passado todos aqueles que fizeram parte de sua vida. Todos os olhares voltaram-se para ela. Olhares que expressam cobiça, ciúme, desejo, opressão, misericórdia e ódio, e que se misturam ao ritual da dança, envolvendo Belarmina na noite escura, deixando-a perturbada e fora de si. A solução de Belarmina é a morte, e de acordo com o texto, ela se prepara para esse momento, em meio a um ritual de feitiçaria:

Belarmina ofega; sacode a cabeça, a basta carapinha que a chuva teima em encher de diamantes – Nicota é agora gordo colar de três voltas. Retine a chuva; Belarmina acompanha o curso da enxurrada rodopiando, corpo agitado, se desmanchando em elétricos desnalgares [...] Por que agora choram os olhos do despachante? Um choro aflito, volumoso e grave[...] Mas eis que seus pés resvalam e um grande escuro a recebe. Escuro e fétido olhar o daqueles olhos. Belarmina se debate, o choro a inunda e sente no pescoço um nó se amarrando[...] Durante ainda muitas horas se ouviu gemer de enxurrada na escura paz dos bueiros. Depois, quando a chuva passou, a noite levou foi tempo a enfeitar de limo o sono agora tranquilo de Belarmina (GUIMARÃES, 1963, p. 129-130).

De acordo com a passagem da narrativa, a morte da personagem parece proposital, forçada, pois ela parece se preparar para esse fim, e numa espécie de transe, ela se entrega ao momento, e passa a ter visões a respeito de todos aqueles que lhe fizeram algum mal no passado, inclusive Azevedo, seu grande amor. É por ele que Belarmina também decide morrer. A morte de Belarmina na água, faz com que sua morte pareça serena. Tem-se, por um instante, a ideia de que esse fim trágico não passa de um curso natural de seu destino, afinal, uma mulher que levou a vida inteira vivendo de forma desregrada, não poderia ter outro fim. Mas Belarmina pertence à água, e sobre ali se sustenta como uma ninfa. Morrer na água, mesmo não sendo bela e nem pura, é algo revelador de beleza, livre do mal e do sofrimento. Esse nos parece um fim aceitável. Entretanto, cabe uma outra leitura, a de um provável suicídio, pois como bem proferiu Bachelard “A água que é a pátria das ninfas vivas é também a pátria das ninfas mortas. É a verdadeira matéria da morte bem feminina” (BACHELARD, 1997, p. 84). E a descrição da morte da protagonista, rodeada dos inimigos da juventude, anuncia uma espécie de pressentimento, algo que não tardaria em acontecer, o que para Bachelard é uma preparação literária do suicídio masoquista, em outras palavras, o suicida sentiria prazer com a própria morte. Belarmina teria então, decidido tirar a própria vida, sentindo prazer, satisfação.

Morrer para ser livre. Morrer para esquecer. Morrer para renascer. Mas para morrer assim, é preciso morrer na água – somente ela é capaz de proporcionar a morte perfeita. E assim o fez Belarmina, que agora descansa na eternidade dessa linha do horizonte que sempre desejou alcançar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “Linha do Horizonte” foi analisado minuciosamente porque entendemos que o mesmo traz a simbologia da água ao longo de sua narrativa e com muita frequência, apresentando variantes como chuva, lágrimas, choro, manto d’água, entre outros. Por este motivo, o caracterizamos como uma aquonarrativa. A água foi capaz de indicar o começo, meio e fim da protagonista, revelando e antecipando o seu fim trágico e ao mesmo tempo heroico. Apesar de Belarmina ser ignóbil perante um sistema social cruel e injusto, Idelfonso Guimarães tenta, ao dar ênfase ao elemento aquoso nesse conto, de certa forma, encerrar o ciclo de Belarmina com poesia e transcendência, buscando dar o devido valor a uma pessoa marginalizada a vida inteira. A água então enobrece e afaga sua cruel vida e tem o poder de renovação e de purificação.

A simbologia da água que se manifesta através da chuva, traz de volta do passado todas as lembranças boas e ruins que Belarmina um dia viveu. Mas essa mesma chuva será motivo de tristeza, pois culminará com a morte da personagem.

O que podemos compreender de tudo que foi dito até agora sobre a protagonista de “Linha do Horizonte” é que ela foi uma mulher vítima de uma sociedade preconceituosa, uma mulher que se viu condenada por suas atitudes, por sua profissão, pela cor de sua pele. Uma mulher que, como tantas, se deixou levar por um amor impossível, porque a voz do preconceito falou mais alto que o sentimento. Contudo, Belarmina não deixa de ser um personagem fascinante, que contagia a linearidade do texto e que chega ao final da vida acreditando no amor.

Constatamos então, durante nossa análise, que além da chuva ser um elemento rico em significados, ela ainda deixa evidente que é a responsável por definir o destino da personagem, deixando-a à mercê da solidão. cremos que diferentes enfoques podem ser dados sobre a obra ildefonsiana, seja aproveitando a temática por hora explorada nessa proposta de leitura, ou explorando outras simbologias, pois identificamos que muitos outros símbolos são frequentes ao longo de tudo que Ildefonso já escreveu, como o olhar, que pode servir de inspiração a muitos pesquisadores interessados em estudar a obra deste autor.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOGÉA, José Arthur. **ABC de Ildefonso Guimarães**. Belém: Universitária, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 18ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. 1ª edição. Lisboa: Arcádia, 1979.

FREUD, Sigmund. **A psicopatologia da vida cotidiana**. v. 6. Tradução: Klaus Scheel. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GEIGER, Paulo; BECHARA, Ivanildo. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa** Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GUIMARÃES, Ildfonso. **Histórias sobre o Vulgar**. Belém: Falangola, 1961.

GUIMARÃES, Ildfonso. **Senda Bruta**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1963.

NUNES, Paulo. **Aquonarrativa ou o encharcar-se na poética de Dalcídio Jurandir**. Anais do I Colóquio Dalcídio – UFPA/UNAMA. Belém. Disponível em: www.ebah.com.br. Acesso em: 20 fev. 2019.

SHAKESPEARE, Willian. Hamlet. **Coleção Clássicos Universais**. São Paulo: Rideel, 2002.

Artigo recebido em: 31 mar. 2021. | Artigo aprovado em: 27 maio 2021.